

Tempo de Sarney

Villas-Bôas Corrêa



A evidência que se enxerga cá fora, com a precisa nitidez dos detalhes, não pode deixar de ser vista de dentro do governo, tão próxima que dá para tocar com a ponta dos dedos, palpar a consistência, sopesar e medir, avaliar conseqüências, projetar repercussões. Então, alguma coisa há de, por certo, estar equivocada na insistência com que se acusa o presidente José Sarney de uma obstinada determinação de arrancar da Constituinte os cinco anos de mandato-meio-termo barganhado entre os seis da Constituição esmolambada dos *três ladinos* e os quatro do favoritismo absoluto das pesquisas.

Quem é que não está convencido dos pés à cabeça que a Constituinte marcha, corre, dispara para consolidar uma maioria folgada, que só tende a inflar, engordada pela adesão dos oportunistas, dos que só se definem à última hora para empinar a prancha na crista da onda, sem risco de erro, pela realização das diretas este ano? Tudo conflui para um objetivo que vai ficando consensual, forçando adesões até mesmo a contragosto. Político não briga com a rua, não vota contra o seu interesse, contra o seu eleitor, sua base de sustentação, o seu instinto de sobrevivência. E ainda mais de graça, sem o entrosamento em qualquer esquema, sem sólida razão superior, prioritária, determinante.

Sarney certamente fez as suas avaliações, cotejou informações, projetou o risco do futuro. Então, por quê a aparente teimosia, a insistência além dos limites do razoável e do sensato?

Vale a pena parar para pensar, sustendo o gesto de atirar pedras ou esvaziando as bochechas antes de expelir o ar na estridência da vaia.

Nessas horas, o bom é principiar do começo, puxando o fio da ponta da meada para não embarçar o carretel. Entenda-se que Sarney acaricie com ciúme o seu mandato. Afinal, trata-se de um mandato com os teóricos poderes absolutos do sistema presidencialista e que ele quase não teve tranqüilidade para curtir numa boa, com a casa em ordem, dispensa farta, povão satisfeito e a popularidade a subir como balão de bucha nova, os gomos esticados de gás. Provou 10 meses de bonança e vem purgando o calvário das amarguras. Um presidente que não pediu, não lutou, não sonhou nem para ser vice. A vice caiu no colo por acaso, nos quiproquós da costura final do acordo com a dissidência do PDS, já apelidada de PFL, porque Marco Maciel não acreditou muito na virada do colégio eleitoral e Aureliano Chaves era uma ameaça de crise, de reação do João, o nosso para sempre inesquecível.

As coisas aconteceram muito depressa, na vertigem da alucinação, por entre os trancos da tragédia. Sarney acabou presidente no lugar de Tancredo, herdando o mandato do outro, o ministério alheio, equilibrado no trapézio do governo do PMDB ressentido, a remoer frustrações, encarando o dr Ulysses e nele identificando, como uma miragem muito desejada, a faixa presidencial enfeitando os ombros estreitos e magros. O presidente

do PMDB. Não é à toa que o dr Ulysses engole presidências com voracidade insaciável. A fome só pode ser apaziguada com a presidência de verdade, única, e nunca com sucedâneos que parecem engabelos de crianças.

Feitas as contas, com os descontos do sonho perverso do cruzado e dos amargos tempos de humilhante submissão ao PMDB, o que sobra de mandato realmente fruído por Sarney, com a plena sensação do exercício do poder, ocupado e manipulado sem a vigilância da cupidez da legenda que ganhou mas não levou?

O governo de Sarney é um picotado do calendário, mistura de dias, meses alternados, com intervalos de crises, aperturas, cobranças. E, por um paradoxo cruel, quando Sarney se livrou do PMDB, apartando os infieis do partido do dr Ulysses e ficando com o grupo dos ministros e mais os confiáveis, só vem colhendo dificuldades e complicações. A Constituinte rebelou-se, deu voltas, executou piruetas para, ao fim, definir-se por ampla maioria, francamente oposicionista. Uma oposição rancorosa, implacável. A melhor maneira de derrotar qualquer pretensão é soprar que o governo é a favor. Não dá outra: o plenário vota contra. É nessa vaga que os quatro anos de mandato podem ser considerados antecipadamente aprovados, até a mudança do sistema de governo, com a adoção do parlamentarismo, que andou em baixa cotação nos últimos meses.

Mas com todos os percalços, só agora Sarney está sorvendo o gosto do governo, do seu governo. Amargo embora, é o governo que imprimirá a sua marca na memória do amanhã. Sarney está podendo anunciar planos, projetos, sonhos. Demitindo ministros sem pedir a bênção ao dr Ulysses, sem submeter-se ao peditório do PMDB. Desabusado, mesmo em baixa, para firmar acordo com o FMI, ninando-se para as posições *programáticas* do partido de quase todos os seus ministros.

Este é o mandato que Sarney está defendendo, com unhas e dentes. Dele custa a despregar-se, até mesmo depois que a inclinação da Constituinte não deixa margem a dúvidas.

Por isso, a ênfase que parece demasiada, os excessos da oratória nas *Conversas ao Pé do Rádio* só em parte ainda refletem o apego a um mandato que começou a ser curtido há bem pouco tempo, nos sufocos de um período tumultuado. É um impulso que vem do fundo da alma, incontrolável. Não é, entretanto, o empurrão mais forte.

Sejamos justos e razoáveis. A indignação de um temperamento notoriamente cordial, as exasperações que surpreendem os amigos, espantam os íntimos, têm outra fonte inspiradora. Nem é segredo. Nos desabafos registrados pelos mais atentos, ressalta a motivação profunda da defesa da honra pessoal, da família e também do governo. Do seu governo.

Talvez por aí seja mais fácil entender a guinada de Sarney. A reviravolta da alma. Este inesperado e novo Sarney, ressentido mas guerreiro, brigando com raiva, lutando em curto espaço, sem apoio parlamentar, minoritário na Constituinte, órfão de amparo partidário. O Sarney brigão, sem papas na língua. E que não parece disposto a entregar os pontos, mesmo quando o adversário está com grande vantagem. Sarney briga, afinal, pelo seu governo. O governo que ele está inaugurando sem retrato e sem foguetes. Com jeito de fim de festa.